

Linguagem, Ideologia e Psicanálise

Langage, Idéologie et Psychanalyse

Maria Cristina Leandro FERREIRA*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

RESUMO

O artigo discute o imbricamento das três principais áreas – Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise – de onde emergiu a Análise de Discurso, concebida por Michel Pêcheux. Dessa zona de confluência tão insólita, será lançado um olhar especial à noção de sujeito, como ponto nodal formado por três anéis, simbolizando uma tríplice aliança. O sujeito estaria, assim, sendo afetado simultaneamente por essas três ordens e deixando um furo em cada uma delas, como é próprio da estrutura de um ser-em-falta. O sujeito constituído pela linguagem manifesta-se como efeito de linguagem; ao ser interpelado pela ideologia como sujeito, comparece como assujeitado; e, ao ser atravessado por uma teoria não subjetiva da subjetividade, marca-se como desejante.

PALAVRAS-CHAVE

Sujeito. Ideologia. Desejo. Linguagem. Discurso.

RÉSUMÉ

L'article examine l'imbrication des trois domaines principaux – linguistique, matérialisme historique et psychanalyse – à l'origine de l'analyse de discours, conçue par Michel Pêcheux. Partant de cette rencontre si insolite, un regard particulier sera posé sur la notion de sujet en tant que point nodal formé par trois anneaux, symbole d'une triple alliance. Ainsi le sujet serait-il simultanément affecté par ces trois ordres tout en laissant un trou dans chacun d'eux, ce qui est propre à la structure d'un être-en-manque. Le sujet constitué par le langage se manifeste comme effet de langage; en étant interpellé par l'idéologie comme sujet il comparait assujéti, et en étant traversé par une théorie non subjective de la subjectivité il se marque comme désirant.

MOTS-CLÉS

Sujet. Idéologie. Desir. Langage. Discours.

*Sobre a autora ver página 75.

[...] às vezes [...] estamos na terra do vizinho há muito tempo sem termos percebido isso.

(H. C. Bresson – fotógrafo – **Col. Os europeus**).

Uma insólita parceria

Este trabalho revela um percurso que venho trilhando nos últimos tempos e que se destina a investigar os elos que compõem a trama do tecido teórico de que me ocupo, que é o discurso. E esta busca tem me levado a uma interlocução mais direta e estreita com a psicanálise, por conta da concepção de sujeito, noção que é central em ambos os campos teóricos e que apresenta particularidades e afinidades mútuas instigantes.

Para tratar do sujeito, já que falamos em trama, é preciso puxar também os fios da linguagem e da ideologia que se encontram imbricados na mesma urdidura. Esse ponto de entrelaçamento que forma nós comuns que se sustentam uns aos outros marca o terreno próprio da Análise de Discurso nos moldes em que foi concebida por filósofos, psicanalistas e lingüistas. Talvez seja justamente essa mistura bastante insólita que distinga essa abordagem discursiva das demais correntes lingüísticas, quer textuais ou, até mesmo, as que também se denominam discursivas. Convencionou-se chamar a essa abordagem, de *Escola Francesa de Análise de Discurso*, a qual tem em Michel Pêcheux seu principal formulador. Vale dizer, contudo, que, nos últimos anos, já circula com aceitação, no rastro da proposta de Orlandi (2002), a expressão *Escola Brasileira de Análise de Discurso*, tal o aporte da reflexão própria e diferenciada produzida por analistas de discurso brasileiros. É dentro desse cenário que enquadro a presente reflexão.

Para começo de conversa, é bom antecipar que não dá para entrar nessa “morada do sujeito,

sem ser pela porta da linguagem, que ocupa o principal cômodo nos domínios da Psicanálise e desfruta também de um lugar nobre no território do discurso. Afinal, a suposição inicial em ambos os campos é a de que o sujeito não está dado, nem tampouco nasce ou se desenvolve, mas é construído. E para explicar o modo pelo qual o sujeito se constrói, é preciso trazê-lo para o campo do qual ele é efeito, isto é, o campo da linguagem.

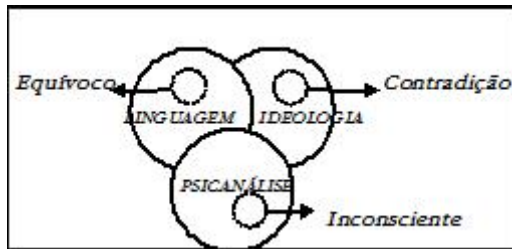
Já o ponto de diferenciação ocorre com o conceito de **ideologia**, que chega pelo viés do materialismo histórico, nos moldes althusserianos, e recebe um lugar de destaque na área do discurso, sendo considerada indissociável do sujeito em um processo de constituição mútua. Nas hostes psicanalíticas, enquanto isso, a ideologia não encontra maior abrigo, já que a Psicanálise não costuma operar com essa noção, ainda que seja possível admitir uma passagem entre o inconsciente e a ideologia.¹

A figura do nó borromeano

Em razão dessa configuração tão particular do lugar do sujeito na teoria do discurso, ocorreu-me representá-lo como uma figura topológica – o **nó borromeano**. Esta figura, introduzida na psicanálise, por Lacan, é formada por três anéis, simbolizando uma Tríplice Aliança. Retirando-se um desses anéis os outros dois ficariam soltos e perderiam a interligação constitutiva. O que os sustenta, então, precisamente, é esse laço de interdependência que os estrutura solidariamente.

¹ Silveira (1994, p. 26), em **Ideologia, indivíduo, sujeito**, ao examinar algumas teses althusserianas sobre a ideologia, mostra como uma delas [a de que “ideologia não tem história”] se ancora na formulação de Freud de que “o inconsciente é eterno”. Nas palavras de Silveira (1994), “não é apenas atribuir à ideologia um caráter inconsciente [...], mas considerar a forma da ideologia como a própria forma do inconsciente”.

Aqui o nó borromeano simbolizaria o lugar do sujeito no entremeio das três noções de *linguagem* – *ideologia* – *Psicanálise*.



O sujeito estaria, assim, sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e deixando em cada uma delas *um furo*, como é próprio da estrutura de um *ser-em-falta*: o *furo* da **linguagem**, representado pelo *equívoco*, o *furo* da **ideologia**, expresso pela *contradição*, e o *furo* da **Psicanálise**, manifestado pelo *inconsciente*. Daí decorre o fato de a incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que o compõem. É precisamente essa *falta* que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da Análise de Discurso.

O que intriga nessa questão da falta, como região intersticial comum à Análise de Discurso e à Psicanálise, é o paradoxo que aí se manifesta, já que a falta é algo que nos completa pela ausência – é “a presença na ausência”, a que faz referência Lacan. Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. A falta é, então, tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua); impossível de dizer, impossível de não

dizer de uma certa maneira – o não-todo no todo, o não-representável no representado.

A falta fundadora do sujeito traz à tona igualmente uma outra condição paradoxal, como nos aponta o psicanalista Luciano Elia, em seu livro **O conceito de sujeito**: “ela não se produz por si mesma, mas requer o ato constituinte do sujeito para se fazer como falta” (ELIA, 2004, p. 48), ou seja, “a falta é fundante do sujeito, mas em contrapartida requer o ato do sujeito para se fundar como falta”.

A categoria de sujeito procede da Filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico. É sempre bom lembrar, contudo, que Freud, ainda que não a nomeasse diretamente, já tratara, em textos iniciais, do que seria o essencial em matéria de inconsciente. A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das Ciências Humanas, como é o caso da Análise de Discurso.

E Pêcheux não fica surdo a essa voz; muito ao contrário. Como homem de seu tempo, Pêcheux se angustiava com a concepção de sujeito cartesiano, sujeito do cogito, que circulava nas Ciências Humanas. Para ele e seu grupo, a idéia de um sujeito centrado no seu próprio eixo, senhor de seus atos e de sua vontade e livre de determinações não satisfazia mais às inquietações da época. Trazer, então, a Psicanálise para o campo epistemológico da Análise de Discurso, significava deixar entrar com força uma outra concepção de sujeito, um sujeito clivado, assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o moldam.² É nesse ponto que se atravessa a Psicanálise, com sua concepção

² Daí se entender por que na explicitação do quadro epistemológico da Análise de Discurso, Pêcheux (1975) faz referência a uma teoria não-subjetiva da subjetividade (de natureza psicanalítica), que atravessaria e articularia as três regiões do conhecimento [Materialismo Histórico, Lingüística e Teoria do Discurso].

revolucionária de sujeito do inconsciente, que representa uma ‘ferida narcísica’ insuportável para o amor-próprio da humanidade.

Outra marca fundante do sujeito que vem da Psicanálise e é incorporada pela Análise de Discurso é sua *natureza intervalar*. Como diz Lacan, “o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante”, o significante é, então, binário, “lugar de escansão entre dois significantes”. Como diz Jorge (2000, p. 99), “o sujeito é esse *entre* significantes”. É ele que liga os significantes uns aos outros.

Na Análise de Discurso, essa condição de entremeio já foi apontada com destaque por Orlandi,³ como uma característica fundante da disciplina e dos conceitos que nela são forjados. É precisamente desse lugar intervalar do sujeito, entre a linguagem, a ideologia e a psicanálise, que estamos tratando aqui.

Em **Semântica e Discurso** (1975), principal obra de Michel Pêcheux, as referências a Lacan e à sua teoria são bem frequentes, até pela insistência de Pêcheux em trabalhar uma analogia entre a *ideologia* e o *inconsciente*. O inconsciente, no sentido freudiano, e a ideologia, na acepção marxista, passam a ser revistos, respectivamente, ao modo lacaniano e althusseriano.

Já, no texto de 1978 – **Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação** – num corajoso exercício de autocrítica, Pêcheux corrige seu percurso e retifica, em parte, sua afirmação anterior, deixando claro que “a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem ao assujeitamento nem à repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente” (PÊCHEUX, 1978, p. 301).

Ainda que reformule o modo de conceber

a relação entre o inconsciente e a ideologia, Pêcheux seguirá firme na sua convicção de que entre tais noções há um modo de constituição mútua que as mantém paradoxalmente interligadas, ainda que sejam distintas (está aí o paradoxo!). E penso poder acrescentar que o caminho para essa aproximação (qual uma passagem), na visão de Pêcheux, se daria pela *linguagem*, enquanto *forma material*.

O que fica claro em Pêcheux, em que pese todo seu fascínio pela Psicanálise, é que em nenhum momento os dois campos teóricos – o do Discurso e o da Psicanálise – se superpõem ou coincidem. É precisamente essa “estranha intimidade” entre as áreas, que desperta no analista desejo de investigar mais a fundo essas fronteiras e as especificidades e afinidades que aí ocorrem.⁴

O efeito de estrutura

O que queremos ressaltar no presente trabalho é que o **efeito de estrutura**, comum ao sujeito, à linguagem e à ideologia, deixa sempre *furo* e, em torno desse furo, é que irá se travar o embate pela completude, um movimento incessante que age como uma injunção para o sujeito. O furo seria, assim, o lugar do *espanto*, do *estranho*, que faz funcionar as “estruturas”, que em sua forma de organização tenderiam ao fechamento, donde, a busca incessante de soldar o buraco que lhes é constitutivo.

Ao ser constituído pela linguagem, o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito como *efeito de linguagem*. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como *assujeitado*. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se

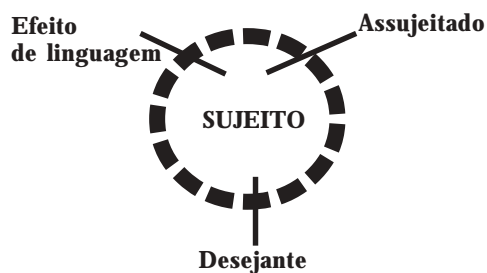
³ Cf. Orlandi (1996, p. 23-24), no capítulo **Entremeio e discurso**, onde a autora caracteriza a disciplina de entremeio como *uma disciplina não positiva*, que não trabalha no sentido de acumular conhecimentos, mas que se faz na *contradição* entre as demais disciplinas.

⁴ Em outro artigo (2004) discuto mais de perto a questão da estrangeiridade que cerca as áreas e, em especial, as noções de língua, discurso e sujeito.

mostra como *desejante*.

Efeito de linguagem, assujeitado e desejante, eis, então, nossa atormentada categoria em toda sua complexidade e heterogeneidade, unida de modo indissolúvel, na topologia do nó borromeano, à *linguagem, à ideologia e à Psicanálise*. A “morada do sujeito” fica tomada, como se vê, pela inscrição ideológica que se marca no desejo, o qual opera por deslizamento em um plano de contigüidade e remete sempre a uma falta. Já a linguagem, por sua vez, funciona não só como base material onde essas relações se dão, mas como a própria forma de que elas se revestem.

E disso resulta o sujeito, enquanto efeito. Mais uma evidência se encontra aqui da aproximação entre a ideologia (como lugar do assujeitamento) e o inconsciente (como lugar do desejo).



Pêcheux, ao pensar a *língua, o sujeito, a ideologia* e o próprio *discurso*, como estruturas, procura afastar-se da concepção predominante quando do apogeu do movimento estruturalista na França. Ainda que imerso e forjado nas idéias e discussões do estruturalismo, Pêcheux procura repensar a noção-chave (estrutura) fora do paradigma reinante, que a tomava como fechada e organizada em torno de um centro.

Assim, dá-se um descentramento da estrutura, na linha do pensamento de Derrida: a estrutura estaria presente apenas como um de seus efeitos (*efeito de estrutura*), e seu fechamento funcionaria como *efeito de uma ausência*. O que antes não cabia na ordem do sistema, dado seu caráter de totalidade, consistência e completude, passa

agora a ser constitutivo de sua estrutura.

Lacan também refere o descentramento do sujeito. Ao construir o célebre aforismo de que “o inconsciente está estruturado em linguagem”, admite que a linguagem com sua estrutura preexiste à entrada nela de cada sujeito num dado momento do seu desenvolvimento mental. Dessa forma, o sujeito não está no centro de si mesmo e tampouco é a fonte do sentido; e o lugar onde está não tem centro, mas é uma *estrutura*. A “estrutura” em Lacan, contudo, não deve ser tomada no sentido lingüístico, e sim no sentido psicanalítico. O que essa estrutura tem em comum com a concepção discursiva, que lhe atribuiu Pêcheux, é o fato de representar a inclusão do sujeito para a cena da linguagem e ser marcada por um furo fundante, uma falta constitutiva, que vem a funcionar como verdadeiro motor da estrutura. Lacan deu um nome a essa falta, cunhando-a como uma de suas mais importantes invenções teóricas – *o objeto a* – um objeto faltoso, perdido, que o sujeito busca reencontrar, como causa do desejo.

Na Análise de Discurso, essa falta ganha um estatuto teórico mediante a noção de **real**, que pode desdobrar-se em *real da língua, real do sujeito, real da história e real do discurso*. A noção de *real* revela aqui toda sua produtividade ao ser proposta por Lacan junto às outras duas com as quais se encontra entrelaçada: o *simbólico e o imaginário*.

O **real** é apresentado como um corte na estrutura do sujeito, a falta originária da estrutura. É precisamente em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura. O real é, portanto, o núcleo do inconsciente. Tudo começa a partir dele. Lacan tematiza o real de dois modos: (i) o real é o impossível de ser simbolizado e (ii) o real é o que retorna sempre ao mesmo lugar.

O **simbólico** tem seu lugar, efetivamente, a partir do real. De acordo com Lacan, ele tem a ver com o saber em jogo na própria experiência

psicanalítica, responsável pelas transformações tão profundas para o sujeito. É no simbólico que o sujeito do inconsciente se estrutura como linguagem.

O **imaginário** é originariamente faltoso para o sujeito, é captação especular no plano consciente. A possibilidade de sua constituição se dá pelo efeito de introdução do simbólico.

Esses três registros apresentam-se unidos de modo indissolúvel na topologia do nó borromeano; eles não podem ser isolados, precisam estar juntos para que a estrutura se estabeleça. O real escapa à simbolização e se situa à margem da linguagem; não há meio de apreendê-lo a não ser pelo simbólico. *Real* e *furo* estão, portanto, intimamente articulados.

Nas acepções de real com que trabalha a *Análise de Discurso – o real da língua, o real do sujeito, o real da história* – estão presentes o traço da incompletude e o da não-sistematicidade. Portanto, ainda que preservando a noção de **sistema** e de **estrutura** no quadro teórico do discurso, vai se dando uma alteração dessas noções no modo como eram empregadas no estruturalismo. Isso se deve, em parte, ao atravessamento da psicanálise, levando em conta

“as faltas” e as “falhas” da estrutura; e ao trabalho da ideologia, com seu ritual de assujeitamento, também não isento de falhas. Por essas brechas e por essas bordas, entra em cena o *equivoco*, o *sujeito do inconsciente* e a *contradição*, enfim, as materialidades do próprio discurso. Em **O discurso: estrutura ou acontecimento?**, Pêcheux (1983) assume de vez o *caráter estrutural do discurso* e se rende também ao sistema, ao conceber o discurso como *um sistema ao qual se acessa e ao qual se desvela por suas falhas*.

Há aqui outro ponto de aproximação entre o sujeito da psicanálise e o do discurso: ambos são determinados e condicionados por uma *estrutura*, que tem como singularidade o não-fechamento de suas fronteiras e a não-homogeneidade de seu território. Dessa forma, *sujeito, linguagem e discurso* poderiam ser concebidos como *estruturas* às quais se têm acesso pelas *falhas*. Esse deslocamento teórico da noção de estrutura inscreve-se como um novo paradigma no seio das ciências da linguagem, constituindo-se numa das grandes e revolucionárias contribuições de Pêcheux para os estudos da área. E isso, certamente, tem a marca da psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (Coleção de Psicanálise passo-a-passo 50). 84 p.

FERREIRA, M. C. L. **Análise de Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade**. Porto Alegre: Correio da Appoa, 2004. p. 37-52.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 192 p.

LACAN, J. **RSI, seminário inédito**. Mimeografado, s/d.

ORLANDI, E. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996. 150 p.

ORLANDI, E. A Análise de Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos da Linguagem**. Campinas, n. 42, p. 21-40, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. Edição original: 1975.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: _____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. Anexo III, p. 293-307. Edição original: 1978.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1993. 68 p. Edição original: 1983.

SILVEIRA, P. **Ideologia, indivíduo, sujeito**. São Paulo: PUC, 1994. 145 p.

Porto Alegre, fevereiro de 2005.

SOBRE A AUTORA

Maria Cristina Leandro Ferreira é doutora em Lingüística, na área de Análise de Discurso, pela Unicamp. Professora da graduação em Lingüística e em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso (Gepad/UFRGS). Autora de vários artigos publicados em periódicos nacionais indexados. Autora de vários capítulos de livros, entre os quais: *A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo*; *O lugar da sintaxe no discurso*; *Discurso de saudação*; *Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação*; *O estatuto de equivocidade da língua*; *A antiética da vantagem e do jeitinho na terra em que Deus é brasileiro*. Autora do livro *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Organizadora do livro *Glossário de termos do discurso*. Co-organizadora do livro *Os múltiplos territórios da análise do discurso*.